

Ações interdisciplinares no âmbito da APAC: (A)penas Humanos, uma perspectiva do trabalho da psicologia

Interdisciplinary actions within the ambit of APAC: (A)penas Humanos, a perspective of the work of psychology

Karoline Silveira de Souza¹

RESUMO

Este artigo traz um relato de experiência vivenciado durante participação em um projeto de extensão cujo título é “(A)penas humanos: ações interdisciplinares no âmbito da Associação de Proteção e Assistência ao Preso” (APAC). Este texto se refere ao trabalho realizado pelos estudantes do curso de psicologia, no período 08/2015 a 12/2015, vinculado à universidade PUC MINAS. A psicologia, dentro do C.R.S, atua em três modalidades, que são: Atendimento individual, Rodas de Conversas Plantão Psicológico. Ao trabalhar com o público privado de liberdade, possui como dever ético fornecer um trabalho isento de preconceitos, visando sempre promover saúde e qualidade de vida. O projeto, tendo em vista a função da psicologia, buscou escutar a demanda dos recuperandos, pensando no acolhimento e responsabilização em prol de um crescimento pessoal, e conscientização do sujeito sobre si e sobre sua realidade atual. O trabalho com esse público se tornou muito desafiador, na medida em que os estudantes vivenciaram uma angústia inicial de desconstrução de seus estigmas a respeito dos apenados. E, para os recuperandos, o trabalho de escuta empática e genuína proporcionou a eles a oportunidade de falar e refletir sobre aspectos de sua vida relacionados ou não com o crime, trazendo suas angústias, medos e tendo ali uma oportunidade de trabalhá-los, levando-os a um processo de conscientização e responsabilização sobre suas próprias vidas. O artigo apresenta como fundamentação teórica: a fenomenologia-existencial, mais especificamente a Gestalt-Terapia, que era a teoria mais usada pelos extensionistas do projeto.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Sistema Prisional. APAC. Fenomenológico existencial.

ABSTRACT

This article presents an experience report during participation in an extension project whose title is (A)penas Humanos: interdisciplinary actions within the APAC (Prisoner Protection and Assistance Association). This text refers to the work done by the students of the psychology course in the period from 08/2015 to 12/2015 linked to PUC MINAS university. The psychology, within C.R.S, acts in three modalities, they are: Individual attention, Wheels of Conversations Psychological Plan. Psychology in working with the public deprived of freedom has as an ethical duty to provide a job free of prejudices, judgments, always aiming to promote health and quality of life. The project, in view of the function of psychology, sought to listen to the demand of the recovering ones, thinking about the reception and accountability for personal growth and awareness of the subject about himself and his current reality. Working with this audience has become very challenging as the students experienced an initial anguish of deconstruction of their stigmata about the grieving. And for the recuperandos the work of empathetic listening and genuine gave to them the opportunity to speak and to reflect on aspects of its life related or not with the crime, bringing its anxieties, fears and having there an opportunity to work them, taking them to a process of awareness and accountability about their own lives. This article also contains a brief history of the ways of punishment of society, and the history of the APAC methodology. The article presents as theoretical foundation: phenomenology-existential, more specifically Gestalt-Therapy, which was the theory most used by project extensionists.

Keywords: University Extension. Prison System. APAC. Existential Phenomenological.

¹ Bacharel em Psicologia na PUC Minas, Coração Eucarístico. E-mail: karolinesouzapsi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os dados apresentados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) revelam que a população carcerária brasileira é de 711.463 presos, o que coloca o Brasil na terceira posição mundial de maior contingente de prisioneiros. Ao mesmo tempo, há um déficit de 354 mil vagas no sistema carcerário. Desta forma, o cenário atual do sistema prisional brasileiro é degradante e não cumpre com seus objetivos básicos de ressocializar.

São notáveis as consequências de uma segregação, nas cadeias, que, ao apresentarem situações precárias e não cumprarem com a prerrogativa da Lei de execução de penas, que discorre sobre a assistência ao condenado, acaba formando reincidentes. Diante desse contexto, a metodologia da Associação de Proteção e Assistência ao Preso (APAC), que visa à valorização humana, atua como uma alternativa possível de cumprimento de medida penal, baseando-se em doze passos que se aproximam do cumprimento dos direitos dos apenados, proporcionando um ambiente ressocializador.

Considerando o ser humano como um ser integrado, composto pelos diferentes sistemas – seja biológico, psicológico, social, e espiritual –, o projeto “(A)penas humanas: ações interdisciplinares no âmbito da APAC”, eminentemente um trabalho interdisciplinar, conta com a participação de estudantes de diferentes cursos, como Enfermagem, Direito, Fisioterapia, Serviço Social, Letras, Psicologia. Esse projeto visa contribuir para a efetivação da política fundada na possibilidade de ressocialização do apenado.

O trabalho da Psicologia é o cerne desse artigo, na medida em que relata a experiência e os atendimentos realizados pelos estudantes desse curso, em um trabalho pautado em três modalidades: atendimento individual, rodas de conversas e plantões psicológicos. A abordagem utilizada no projeto e base desse artigo é a fenomenologia existencial, mais especificamente a Gestalt-Terapia, que possui como alicerce os pressupostos: “1) o poder está no presente; 2) a experiência é o mais importante; 3) o terapeuta é seu próprio instrumento; e 4) a terapia é boa demais para ficar limitada aos doentes”. (POLSTER; POLSTER, 2001. p. 15).

A Psicologia, no sistema prisional, possuía um caráter avaliador do sujeito, no sentido de afirmar a possibilidade de uma reincidência, porém atualmente o próprio Conselho Regional de Psicologia reconhece a limitação de qualquer profissional ao dizer do comportamento futuro de alguém, e entende a Psicologia como voltada para o cuidado com o apenado, proporcionando atendimentos éticos, pautados na não discriminação. Sendo assim, a

psicologia dentro do Centro de Reintegração Social busca propiciar aos recuperandos uma escuta diferenciada dirigida para o acolhimento e responsabilização destes sujeitos, propiciando um espaço de reflexão de suas angústias.

Esse projeto cumpre com as condicionalidades de uma extensão universitária na medida em que proporciona mudanças nas duas dimensões complementares: dos estudantes e da comunidade; reforça uma indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa, ao fazer a vinculação teórica e prática, colocando o estudante como protagonista de sua formação; valoriza a interdisciplinaridade, pois coloca os extensionistas de diferentes cursos para dialogarem e promove um olhar atento para as políticas públicas e construção de direitos dessa instituição.

2 ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AO CONDENADO

A APAC surge como uma alternativa eficiente e possível para se cumprir as prerrogativas da lei, oferecendo atendimento dos direitos básicos dos presos. Em 1972, na cidade de São Jose dos Campos (SP), idealizado pelo advogado Mario Ottoboni, um grupo de voluntários Cristãos da Pastoral Carcerária desenvolveu trabalhos dentro do sistema prisional, voltados para o fortalecimento espiritual dos condenados. Segundo Martins e Bonfim (2012) “o objetivo era amenizar as aflições da população preocupadas com as constantes rebeliões e manifestações dos presos inconformados que vivam amontados na cadeia pública Local”. (MARTINS; BONFIM, 2012, p.3).

Decorridos dois anos de realização desse trabalho, e por intermédio do Juiz de Execução Penal da Cidade de São Jose dos Campos, a APAC torna-se uma associação civil, como um órgão para auxiliar a justiça. Para fins jurídicos, a APAC, antes reconhecida como “Amando o próximo, Amarás a Cristo”, torna-se Associação de Proteção e Assistência ao Condenado. Inicialmente, a metodologia era aplicada dentro do sistema prisional comum, e a partir de 1984, a Associação passa a administrar pela primeira vez o presídio Humaitá.

Para Misionschnnik e outros (2014, p. 120), “O método APAC se inspira no princípio da dignidade da pessoa humana e na convicção de que ninguém é irrecuperável, pois todo homem é maior que sua culpa”. Essa metodologia possui 12 passos, que direcionam sua aplicação e o tornam, em sua prática, mais eficiente, são eles: a participação da Comunidade; Recuperando ajudando Recuperando; Trabalho; Religião; Assistência Jurídica e Assistência à Saúde; Valorização Humana; Família; Serviço voluntário, Centro de Reintegração Social, Mérito e Jornada de Libertação com Cristo.

As maiores críticas em relação ao método estão em torno de seu forte poder disciplinador, observável na rotina regrada dos recuperandos, e a religião enquanto exigência para o processo de recuperação.

Em Minas Gerais, essa metodologia surge primeiramente em Itaúna, em 1986, fundada por um grupo de amigos da Pastoral Penitenciária. Segundo Martins e Bonfim (2012, p.4), “A partir dos resultados positivos, a APAC de Itaúna tornou-se referência tanto em âmbito nacional quanto internacional, no que diz respeito ao cumprimento da pena privativa de liberdade, sendo seguida por outras Apacs.”

Em 25 de maio de 2006, um grupo de voluntários cristãos assumiu um Centro de Reintegração Social em Santa Luzia, no qual se inicia essa metodologia. É nesse CRS, que o projeto de extensão da PUC Minas é realizado.

Atualmente a APAC faz parte do projeto novos rumos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, e apresenta dados satisfatórios de tratamento humano e baixa reincidência.

3 METODOLOGIA

“(A)penas humanos: ações interdisciplinares no âmbito da APAC” é um projeto de extensão da Universidade PUC MINAS que conta com a participação dos acadêmicos de diversos cursos, inclusive a Psicologia e é coordenado pela professora Fernanda Simplício. O Projeto de extensão possui “ação processual e contínua de caráter educativo, social, científico ou tecnológico com objetivo específico a curto e médio prazo”, conforme preconiza a política de extensão em vigor (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006).

Os acadêmicos desse curso têm a possibilidade de participar desse projeto, que possui uma base interdisciplinar, pois conta com a presença e interlocução com diversos outros cursos, entre eles: Enfermagem, Direito, Fisioterapia, Serviço Social, Letras, que colaboram para uma assistência integral dos recuperandos; ele proporciona aos alunos de diferentes áreas uma troca de conhecimentos e experiências que enriquece e contribui para a formação dos mesmos, o que se torna coerente com a própria abordagem trabalhada: Gestalt-terapia.

A Gestalt-terapia considera o sujeito em sua integralidade, isto é, reconhece que ele não é apenas psicológico, mas formado por suas diferentes construções, sejam elas fisiológicas, psicológicas, espirituais. Para Ribeiro (1994), “aceitar e celebrar essa totalidade multidimensional é uma possível finalidade da terapia, embasada na própria necessidade de completude de todo ser humano”. (RIBEIRO, 1994, p.17).

O conceito de interdisciplinaridade faz-se importante não apenas para a própria comunidade beneficiária do projeto de extensão, mas também para os próprios alunos que, em contato com estudantes de outras áreas, têm a possibilidade de expandir seus conhecimentos, em uma troca de saberes pertinentes para todos.

A comunicação entre as diferentes áreas integra um dos objetivos da extensão que, em “seu caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, extrapola a abordagem especializada de cada área de conhecimento ou curso e favorece a visão integrada do social.” (PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006). Sendo assim, aqueles que de projetos interdisciplinares participam abrem a oportunidade de uma construção de relações interprofissionais e interpessoais, que colaboram para a compreensão da comunidade como um todo, não apenas a área que se refere aos seus estudos acadêmicos.

Há algum tempo, o trabalho do profissional de Psicologia dentro dos sistemas prisionais possuía um caráter avaliativo dos presos, no sentido de definir o merecimento da progressão de seu regime e da possibilidade de reincidência. Nesse momento, creditava-se ao(à) psicólogo(a) o poder de discriminar aqueles sujeitos que haviam de certa forma se “regenerado”. Entretanto, atualmente a psicologia reconhece a limitação de seu próprio trabalho ao tentar definir o sujeito como um todo, e reconhece que a partir de suas experiências ele se reconstrói. Segundo orientações do Conselho Federal de Psicologia (CFP),

Além da impossibilidade de qualquer profissional, com qualquer instrumento, prever as ações futuras de uma pessoa, as celas estão superlotadas, não há separação de presos por crime cometido ou tempo de reclusão e não há projetos que garantam os direitos legais previstos pela LEP para os presos, como escolas, oficinas profissionais, trabalho, etc. Dessa forma, não é possível avaliar mérito individual se os presos não têm como exercer sua autonomia na prisão. (CFP, 2016, p.30).

Para além disso, a própria Psicologia é contra qualquer construção de rótulos que tentem definir e prender o sujeito dentro de estereótipos, até porque reconhece as singularidades de cada pessoa, sendo impossível classificá-lo em alguma padronização.

Para Ribeiro (2012), “esta é também a proposta da Gestalt-terapia, no sentido de ver o homem com um ser particularizado, singularizado no seu modo de ser e de agir, concebendo-se como único no universo e individualizado” (RIBEIRO, 2012 p. 49). Esse é um fator importante para os estudantes de Psicologia, ao realizarem atendimentos no âmbito da APAC.

Os sujeitos ali presentes, por vezes, são discriminados devido a todo um estigma que os cerca. O contato do estudante com os recuperandos possibilita a eles uma mudança de pensamentos e paradigmas do que antes possuíam a respeito dos apenados, colaborando na reconstrução de si próprios enquanto cidadãos e enquanto profissionais que respeitam seu próprio código de ética. O trabalho realizado pelos acadêmicos de psicologia na APAC Santa Luzia possui três dimensões: 1. Atendimentos Individuais, 2. Rodas de Conversas, 3. Plantões psicológicos, todos realizados nos sistemas fechado e semiaberto. Possui uma carga horária de 10 horas semanais, divididas entre visitas semanais à APAC, supervisão e grupo de estudos.

Neste artigo, relata-se a experiência com esse projeto, ocorrida no período de 08/2015 a 12/2015 no Centro de Reintegração Social em Santa Luzia. A seguir, encontra-se a tabela que demonstra a parte quantitativa do trabalho realizado nesse período:

Tabela 1 - Descrição quantitativa do trabalho dos Extensionistas de Psicologia

Quantidade – Extensionistas	11	Média de participantes nas Rodas de Conversa	Fechado - 30 Semiaberto - 08
Média de Atendimentos – Extensionista	2	Quantidade de Rodas realizadas	Fechado - 13 Semiaberto - 13
Quantidade – Atendimentos Individuais	128	Quantidade de Idas à APAC	14 vezes
Quantidade – Atendimentos – Plantão Psicológico	8	Quantidade de Supervisões	16

Fonte: Dados construídos pelos extensionistas, 2015.

É importante descrever e promover reflexões em cima do trabalho realizado, e para isso a seguir encontra-se uma descrição qualitativa das modalidades que fazem parte da atuação da psicologia no C.R.S

3.1 Atendimentos individuais

No percurso da graduação, aos estudantes de Psicologia é ensinada a possibilidade da carreira clínica, composta por atendimentos baseados na escuta apurada, em consonância com a abordagem de referência escolhida, podendo ser realizada em grupo ou individualmente.

Esse aprendizado é levado à prática dentro desse projeto de extensão, nos atendimentos individuais, em que cada estudante acompanhava dois ou mais recuperandos.

Nesse momento os veículos teoria e prática se cruzam, pois é a partir desse contato direto com o recuperando, no atendimento individual, que o estudante se vê desafiado a colocar a teoria de sala de aula a serviço daquele sujeito, deixando de ser um recebedor passivo de conhecimento, para ser protagonista de sua construção como profissional.

Isso aponta para a indissociabilidade entre ensino e extensão, segundo preconiza a Política Nacional de Extensão Universitária:

“No que se refere à relação Extensão e Ensino, a diretriz de indissociabilidade coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (FORPROEX, 2012).

As demandas para esses atendimentos são espontâneas, necessitando do desejo do recuperando de ser atendido, pressuposto esse essencial para eficácia do trabalho. A Psicologia reconhece a necessidade do desejo e da implicação do próprio sujeito para que ocorra a terapia, por isso nenhuma modalidade de trabalho da Psicologia torna a participação do recuperando obrigatória. Para participarem das intervenções, os interessados escreviam os nomes na lista exposta e posteriormente eram encaminhados para um extensionista.

Os atendimentos aconteciam semanalmente, nos espaços abertos do Centro de Reintegração Social, pois não há salas preparadas para realização das sessões. Isso se tornou um desafio, pois dentro da Universidade o estudante tinha se adaptado a atendimentos em salas para esse fim. Todavia, na APAC, ao se perceber de frente a essa adversidade, o extensionista, em um manejo criativo, passa a ressignificar seu conhecimento a partir de uma dada realidade.

Pode-se dizer, a partir de situações como essa, que, com a extensão há um complemento ao ensino, pois, ao produzir novos modos de aprendizados, abre portas para uma nova produção, ou quem sabe, para uma pesquisa. Sendo assim, “a relação entre extensão e pesquisa favorece a criação e recriação de conhecimentos que podem contribuir para a transformação da sociedade, para o desenvolvimento teórico, bem como para retroalimentar parte da ação pedagógica da universidade” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006).

Outra forte adversidade enfrentada pelos extensionistas é a especificidade do público atendido, pessoas que possuem sobre si grandes estigmas carregados de pré-julgamento e conceitos. A mídia e o próprio senso comum tendem a reafirmar um sentimento hostil em relação aos sujeitos que cometem algum crime.

A presença do estudante na APAC o leva a reconstruir seus paradigmas, na medida em que agora conhece a realidade dos apenados na prática, indo para além do que se escuta de outros. Essa mudança inicialmente evoca no estudante as angústias presentes nas desconstruções de ideias, por vezes construídas por experiências alheias e abre espaço para um ressignificação a partir de suas próprias vivências. Na relação terapêutica, é comum esse tipo de construção, pois não apenas o paciente é transformado nessa relação, mas o próprio profissional, que, ao escutar a experiências de vida de outro sujeito, transforma-se. Sendo assim, no contato com a comunidade, a via da mudança não atinge apenas a própria instituição em si, mas também os próprios estudantes, que passam a repensar seus valores como futuros profissionais e cidadãos participantes da sociedade.

Os recuperandos trabalhavam nos atendimentos individuais suas questões, fossem elas da ordem da situação que os levou ali, ou de partes subjetivas, familiares. Eles se mostravam interessados nos atendimentos individuais, e se apresentavam de fato entregues à terapia, participando com poucas faltas, e em sua maioria estabelecendo vínculos com os estudantes, que permitiam, gradualmente, que o recuperando se sentisse mais à vontade ao trazer questões pessoais. Essa implicação se tornava passível de observação a cada sessão, quando os sujeitos construíam um olhar diferente a respeito das questões trazidas, mostrando aspectos angustiantes de autorresponsabilização e conscientização sobre si e os outros, o que para a Gestalt-terapia é essencial, pois o conscientizar torna o sujeito mais presente em sua realidade e então, “como a terapia continua e a área de conscientização se alarga, sua responsabilidade também aumentará” (PERLZ, [1973] 1998. p. 92).

3.2 Rodas de Conversas

A metodologia de trabalhos com grupos baseia-se também na escuta clínica, mas em suas especificidades trazem características que colocam o acadêmico de frente para suas próprias questões. Segundo Ribeiro (1994), “O grupo como processo, é uma unidade permanente de mudança: interna, externa. Esse movimento é convergente e divergente ao mesmo tempo” (RIBEIRO, 1994, p.34). Os trabalhos em grupo possuem um caráter mais dinâmico e dificultador para os estudantes, na medida em que coordenar os divergentes

pontos de opiniões, que por vezes tornam a discussão acalorada, torna-se um desafio. E, para os recuperandos, a oportunidade de discutir juntos com os demais os temas para ele relevantes tornava a construção terapêutica mais rica e trazia mudanças de pensamentos.

Essas aconteciam em um auditório, com participação livre dos recuperandos que se interessassem, consistindo em um espaço de discussão sobre diferentes temas, de compartilhamento de experiências e opiniões, levava a uma troca entre os próprios recuperandos e os estudantes. As rodas de conversas não possuíam um caráter pedagógico, muito pelo contrário, os temas discutidos em sua grande parte eram levados pelos próprios apenados, ou eram pensados de acordo com o que esses demonstravam interesse.

A utilização de temáticas livres levadas pelos próprios recuperando reforçava a práxis da Psicologia, de compreender que o próprio sujeito sabe sobre si, por isso o trabalho é por eles direcionado no sentido de proporcionar discussões que sejam coerentes com o que esses sujeitos vivenciam. Quando o tema emergia, cabia aos coordenadores da roda participar de maneira ativa no que tange a tomadas de reflexões dos assuntos discutidos, reconstrução de ideias, e ajudá-los na compreensão da particularidade da experiência e pensamento de cada um.

A participação dos recuperandos nas rodas de conversas era bem incisiva, suas realidades internas apareciam, modificando o grupo. As divergências de ideias tornavam o grupo enriquecedor, na medida em que, ao compartilharem suas próprias opiniões, o grupo aprendia com eles, e eles aprendiam com o grupo. Essa troca de aprendizado é coerente com a ideia de grupo apresentada por Ribeiro, que afirma: “O grupo é como uma rede, como uma teia de aranha, onde cada elemento funciona como um ponto modal independente, mas psicodinamicamente interligado [...] onde cada um afeta o outro e é afetado pelo conjunto”. (RIBEIRO, 1994, p. 35).

Os recuperandos possuem em sua realidade uma questão forte com o poder, por vezes vinham de ambiente onde a briga por esse motivo levava a tragédias. Sendo assim, nos momentos da roda, frequentemente as discussões pareciam ter um caráter de definição daquele que estivesse correto, o que cabia aos coordenadores garantir que todos pudessem expressar suas ideias sem se tornarem alvos de críticas destruidoras. Por outro lado, também o próprio extensionista deveria ficar atento a seu próprio ego, pois, ao estar como coordenador do grupo, e ser aquele que tem conhecimentos advindos de uma universidade, a sensação de poder por vezes aparecia; esse deveria atentar à ideia de que ele não era a voz da verdade, e estar aberto a aprender da mesma maneira que os recuperandos estavam. Ouvir,

respeitar e considerar os pensamentos dos demais, sejam eles recuperandos ou extensionistas faz parte do aprendizado da própria política de extensão, que considera os aspectos humanizadores de todo trabalho, levando em consideração:

A igualdade – de valor dos seres humanos e garantia de igualdade de direitos entre eles. Liberdade – de criação, de expressão do pensamento e de produção de conhecimento. Autonomia – capacidade de formular leis, em contexto de liberdade, e se reger por elas. Pluralidade – expressão da igualdade e diferença entre as pessoas, iguais porque humanos e diferentes porque singulares. Solidariedade – adesão à causa do outro, fundada no respeito mútuo e na interlocução entre sujeitos da sociedade. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006).

3.3 O Plantão psicológico

A perda da liberdade acarreta interrupções na vida do sujeito, que, mesmo que advindos de um “pagamento de um delito” são geradoras de angústias. Não é muito incomum encontrar recuperandos que tomavam remédio para ansiedade e para dormir.

Para os recuperandos não acompanhados nos atendimentos individuais, um acadêmico, em horário e local específico, disponibilizava-se a acolher aqueles que, naquele momento, se viam tomados de angústias e necessitavam de uma escuta.

O plantão psicológico faz parte de uma modalidade de cunho emergencial e não contínuo, no qual o recuperando atendido naquele momento não tem o compromisso de retornar. Considerando esse fator, as intervenções são mais pontuais. Segundo Rebouças e Dutra, “a proposta do plantão é aceitar manter-se junto com o cliente no momento presente, na problemática que emerge, promovendo uma melhor avaliação dos recursos disponíveis, ampliando, assim, seu leque de possibilidades”. (REBOUÇA; DUTRA apud MAHFOUD, 1987, p 23).

O acolhimento se torna essencial nessa modalidade, na medida em que o recuperando que chega a procurar esse atendimento está tomado de angústia, e nesse momento o estudante reafirma a importância do cuidado, para que não coloque esse sujeito diante de si a uma confrontação de que o recuperando não dê conta. Sendo assim, a proposta do plantão psicológico não é a resolução do problema, mas auxiliar o recuperando a refletir e encontrar novas maneiras para lidar com suas dificuldades.

A participação dos recuperandos reforça a valorização que esses têm com o trabalho da Psicologia, pois mesmo não sendo acompanhados em atendimentos individuais, confiavam no trabalho ético do estudante, extensionista, para auxiliá-los em algum momento de grande ansiedade.

3.4 Supervisão / Grupo de estudos

Todas as angústias geradas nos estudantes diante das adversidades da realidade prática não apreendidas na sala de aula eram tratadas em supervisão. As supervisões aconteciam semanalmente, com duração de 3 horas, tempo suficiente para discutir os casos e as dificuldades mais profundas².

A supervisão faz o link necessário entre a experiência vivenciada e a teoria de sala de aula, pois provoca reflexões teóricas a partir do ocorrido na prática e diminui a angústia pessoal e profissional dos estudantes, preparando-os melhor para o próximo contato com os recuperandos, na semana seguinte:

“A certeza da presença do supervisor, enquanto mediador e, de certa maneira, fornecedor de um modelo (não pronto, já que nem mesmo o supervisor conhece a demanda que irá aparecer no plantão), contribui para a construção de um primeiro debate sobre a solução mais adequada ao caso, aproxima o aluno de um raciocínio clínico e viabiliza a reflexão ética da prática psicológica, pois comprehende o erro e administra o acerto.” (PAPARELLI 2007 p. 74.)

Os supervisores se mostravam sempre atentos aos alunos, prontos para o acolhimento e também para a confrontação com apontamento do erro, levantando reflexões pertinentes para os extensionistas, permitindo uma ampliação de ideias e de conhecimento. Nas supervisões, as dimensões psíquicas e emocionais apareciam e com a sensibilidade dos supervisores de perceberem esse aspecto, abria-se assim um espaço para falar do sofrimento e angustia típica desse trabalho, ajudando a elabora-los.

Os grupos de estudos aconteciam também semanalmente, com duração de uma hora, em horários e locais marcados, e estavam abertos a que alunos de Psicologia de qualquer período se inscrevessem. Esses complementam a ligação existente entre ensino, pesquisa e extensão, na medida em que se tornam um espaço aberto a todos os estudantes de Psicologia,

² O projeto possuía dois supervisores, Maria Carmen Schettino e Alexandre Frank Kaitel, professores da PUC Minas, no Coração Eucarístico.

provocando assim uma ampliação do conhecimento e da experiência para aqueles que não estão no projeto, fomentando assim a produção acadêmica de artigos, trabalhos, e discussões pertinentes na qual todos têm a acrescentar.

4 RESULTADOS

Quando se trata de seres humanos, alcançar resultados se torna sempre uma característica subjetiva, na qual a definição do que isso seria é sempre variável, mas nem sempre perceptível. É pertinente pensar que, no lugar de resultados, possa se dizer do impacto desse trabalho para os recuperando e para os próprios alunos.

Os objetivos cumpridos de escutar e acolher as demandas, realizando intervenções que levantem reflexões pertinentes, colocam como efeito desse trabalho um questionamento do recuperando seja sobre algum aspecto da sua vida, mudanças de pensamentos e comportamentos, gerados pela reflexão advindos de um acompanhamento terapêutico. A participação dos recuperandos enquanto parte ativa do processo, não apenas aprendendo, mas nos ensinando, retoma o objetivo da troca de conhecimentos essencial a uma extensão. Durante o projeto se torna visível, a transformação de comportamento do recuperando que acolhe o trabalho da Psicologia, e o valoriza enquanto algo positivo para ele.

Para os estudantes, o impacto se faz na sua construção enquanto profissional, pautado na ética e formação técnica-prática, que a partir dessa experiência pode ressignificar seus conhecimentos e usa-los em prol de um bem comum. Há também mudança na formação social do extensionista, que agora se percebe em uma realidade distinta da sua, e se vê participante responsável por uma sociedade em seus aspectos políticos, que a transforma e é por ele transformado.

Por fim, ao repensar na definição de uma extensão universitária, proposto pela Política Nacional de Extensão (2006), que prevê a extensão enquanto “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage”, pode-se afirmar que o projeto de extensão APAC, ao pontuar os resultados acima, que, resumidamente, incluem transformação dos estudantes e dos recuperandos, cumpre com seu objetivo enquanto um projeto de extensão universitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária, um dos fundamentos da formação do estudante enquanto um profissional ético, competente e atento à realidade que o cerca, cumpre seu papel na medida em que proporciona um amadurecimento dialético do estudante e da comunidade acolhedora, por meio da troca de experiência e conhecimentos que, em sala de aula, não são proporcionados.

Com a efetivação do eixo da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, os estudantes do curso de Psicologia participantes desse projeto entram em contato direto com a realidade social dos recuperandos, e todo conhecimento adquirido em sala de aula, passa a ser transformado para que passe a ser aplicável na realidade daquela comunidade, pois o conhecimento por si só, preso a um indivíduo e não transformador, torna-se um conhecimento obsoleto. Assim sendo, o estudante agora é participante ativo de sua própria formação ética, técnica, e também da sua transformação enquanto cidadão participante da sociedade e protagonista de um novo conhecimento.

A interdisciplinaridade propiciou uma troca de conhecimento com estudantes de outros cursos, que circulavam e realizavam trabalhos pela APAC, o que trazia uma dimensão de aprendizado pela experiência para todos os envolvidos no processo. Aprender com outros cursos é respeitar seu crescimento enquanto um profissional que consegue dialogar com outras áreas e que comprehende o ser humano enquanto um ser completo e universal.

As políticas públicas se tornam tema de discussão para esse estudante, que agora, ao compreender a realidade de sua comunidade, passam a desejar uma melhoria continua para ela. Sendo assim, entender os direitos e como fazer cumprí-los se torna uma preocupação para o extensionista, que abriu os seus olhos para a sociedade.

De maneira geral, participar de um projeto de extensão como o da APAC propicia ao aluno um crescimento pessoal e uma formação técnica diferenciada, pois dá a ele a oportunidade de conhecer diferentes realidades, transformando seus próprios valores e conhecimentos. E, para a comunidade, o projeto aponta uma possibilidade de crescimento social, de um bem-estar, e de uma independência, tornando-a uma instituição ativa em seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL) **O Trabalho da(o) psicóloga(o) no sistema prisional:** Problematizações, ética e orientações. 1 ed. Brasília: CFP, 2016.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Cidadania nos presídios.** Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/cidadania-nos-presidios>> Acesso em: 05 jun. 2017
- MARTINS, Herbert Toledo; BOMFIM, Priscila Rosa Guimaraes. Encarceramento e Direitos Fundamentais IN CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. **Anais...** 2012 Rio de Janeiro.
- MISIONSCHNIK Débora Araújo de Oliveira *et al.* O impacto da práticas em saúde promovidas por acadêmicas de enfermagem em uma Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) **Enfermagem Revista**, V.17 N°2, 2014. Disponível <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/12877>> Acesso em: 05 jun. 2017.
- PAPARELLI, Rosélia Bezerra; MARTINS Maria Cezira Fantini Nogueira. Psicólogos em Formação: Vivências e Demandas em Plantão Psicológico. **Revista Psicologia Ciência e Profissão.**, 27 (1) 2007, p. 64-79. Disponível <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n1/v27n1a06.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2017
- PERLS, Fritz **A abordagem Gestáltica e a testemunha ocular da terapia** 2 ed. tradução de Science and Behavior Books, de Palo Alto, Califórnia, Rio de Janeiro, LTC, 1973- 1988.
- POLSTER, Erwing, POLSTER, Miriam **Gestalt Terapia integrada.** Tradução de Sonia Augusto, São Paulo: Summus, 2001.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS **Política de Extensão Universitária da PUC Minas.** Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão: 2006.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX, 2012.
- REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza Plantão Psicológico: Uma prática clínica da contemporaneidade **Revista da abordagem Gestáltica**, XVI(1): 19-28, jan-jul, 2010.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano **Gestalt Terapia - Refazendo um caminho.** 8 ed. rev. São Paulo, Summus, 2012.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano, **Gestalt Terapia - O processo Grupal:** Uma abordagem fenomenológica da Teoria de Campo e Holística. 4.ed São Paulo: Summus, 1994.